

O QUE É O HOMEM?

WHAT IS MAN?

Por B.P. WADIA

(Capítulo III do livro *STUDIES ON THE SECRET DOCTRINE*)

O antigo axioma oculto. “Homem, conhece-te a ti mesmo”, é familiar a todos; mas muito poucos compreenderam o verdadeiro significado do Oráculo de Delfos. Achamos que conhecemos nossa linhagem terrena quando olhamos para a árvore genealógica; a ciência pensa conhecer a linhagem física do homem e da humanidade, tendo traçado sua forma a partir do protoplasma e seu crescimento a partir do estado selvagem. Nem o filósofo moderno, nem o cientista traçaram os vínculos da hereditariedade, psíquica, intelectual e espiritual; na ausência desse conhecimento, não é surpreendente e é muito natural que a estimativa moderna da forma humana seja totalmente errada.

Para todos os efeitos práticos, seja de auto crescimento ou de serviço altruísta, tal conhecimento é absolutamente necessário. A ligação íntima entre o corpo, a mente-alma e o espírito do homem tem que ser percebida; pois só então poderá seguir a percepção da relação, ou melhor, da identidade, que subsiste entre ele e o Universo triplo de Espírito, Inteligência e Matéria. Existe uma união indissolúvel entre o homem e o universo. Os dois são apenas os aspectos duais do Princípio-Substância Única – o Absoluto em seu aspecto não-manifestado e o Movimento Eterno do Grande Alento em manifestação.

O universo é o macrocosmo; o homem, o microcosmo; o homem, o Espírito, é o macrocosmo; o homem, o Pensador, é o microcosmo, e esse Pensador, por sua vez, torna-se o macrocosmo da forma material na qual e através da qual ele opera; assim também o homem se torna o macrocosmo para os três reinos inferiores sob ele. (Cf. II. 169) A vida é consciência, mas não é autoconsciente em todas as suas formas; somente no homem atinge o estado, plano ou condição de autoconsciência, e quando por esforços auto induzidos e autoconcedidos ele se torna um Ser Autoconsciente, ele ganha para si a maior de todas as oportunidades, a realização da Autoconsciência Universal.

Então o homem tornou-se divino, o Atma tornou-se Paramatma, o Purusha tornou-se Purushottama. Tal Ser é o “Vasudeva, que é tudo isso, o Mahatma difícil de encontrar” do sétimo discurso do *Bhagavad- Gita*. Sobre seu nascimento, *A Voz do Silêncio* canta: -

A estrela prateada agora espalha a notícia para as flores noturnas, o riacho para as pedras espalha a história; as ondas escuras do oceano rugirão até as rochas, as brisas carregadas de perfume cantam-no para os vales, e os imponentes pinheiros sussurram misteriosamente: Um Mestre surgiu, um MESTRE DO DIA.

Que objetivo sublime! Não de poeira estelar para poeira estelar; mas da poeira estelar ao manifestador, nutridor e regenerador do fluxo interminável da existência condicionada – tal é o destino do Homem.

A vida é a consciência universal, una e imparcial. A consciência de qualquer universo é unitária e, portanto, é denominada monádica. Este aspecto da Vida Única é definido como Espírito. O segundo da dualidade primordial, a Matéria é a mesma Vida Única visualizada como muitas. Para citar as palavras do Mahatma KH: -

É uma das doutrinas elementares e fundamentais do Ocultismo que os dois são um e são distintos apenas em suas respectivas manifestações, e apenas nas percepções limitadas do mundo dos sentidos.

Diz *A Doutrina Secreta*: -

O Espírito é a primeira diferenciação do (e no) ESPAÇO; e matéria é a primeira diferenciação de Espírito. Aquilo que não é Espírito nem matéria é ISSO [IT]- a CAUSA Sem Causa do Espírito e Matéria, que é a Causa do Kosmos. E ISSO chamamos de VIDA ÚNICA ou Respiração Intra-Cósmica. (Comentário, I. 258)

Embora sejam uma e a mesma coisa em sua origem, Espírito e Matéria, uma vez que estão no plano de diferenciação, sinalizam a cada um deles seu progresso evolutivo em direções contrárias; Espírito caindo gradualmente na matéria, e esta ascendendo à sua condição original, a de pura substância espiritual. Ambos são inseparáveis, mas sempre separados. Na polaridade, no plano físico, dois pólos iguais sempre se repelirão, enquanto o negativo e o positivo se atraem mutuamente, assim como o Espírito e a Matéria estão um em relação ao outro - os dois pólos da mesma substância homogênea, o princípio-raiz Do universo. (I. 247)

O Espírito falha em conhecer a matéria porque não conhece a si mesmo. A matéria é inerte, embora animada, porque aquilo que vive, energiza e é consciente nela não é consciente de si mesmo. É por isso que no Sankhya Darshana – um dos seis pontos de vista da filosofia indiana – o Purusha-Espírito é representado como tendo olhos, mas não pés, enquanto Prakriti-Matéria tem pés para se mover, mas é cega; a primeira se apoia nos ombros da segunda e, assim conjugados, torna-se possível a marcha de evolução da Vida Única. Mas só por um tempo. Pois a matéria não tem ouvidos para ouvir e o espírito não tem poder de fala. Chega o momento em que a dupla, mesmo abraçada, se perde nas favelas do espaço. Cada um deve adquirir conhecimento de si mesmo, de suas limitações e capacidades, e aprender a arte da cooperação para buscar e trilhar a Grande Estrada dos Céus.

Assim, a Teosofia nos leva ao terceiro elemento, “atualmente desconhecido pela especulação ocidental” (I. 16). A ciência moderna não vê nada além das formas de

matéria em constante mudança causadas por modos de movimento e variedade de Força. A religião moderna, tanto oriental como ocidental, acredita naquilo que não existe – o Espírito divorciado da matéria, ou Deus além da Terra – porque não pode compreender e explicar aquilo que existe, o universo fenomenal. “Entre a superstição degradante e o materialismo brutal ainda mais degradante, a Pomba Branca da Verdade dificilmente tem espaço onde descansar os seus pés cansados e indesejáveis. É hora de a Teosofia entrar na arena” – como disse um Mestre dos Mestres.

Em cada universo, atômico, solar ou sideral, e em cada personificação dele, como Homem Celestial ou Adão-Kadmon, o processo triplo está sempre em andamento. O processo mundial é trino – tanto macrocosmicamente quanto microcosmicamente. Na metafísica da Índia, Sat-Chit-Ananda é a tríade macrocósmica, assim como Ichcha, Gnyan e Kriya são a tríade microcósmica. No *Bhagavad-Gita* (sétimo discurso) a mesma ideia básica é apresentada – Shri Krishna e suas duas naturezas – *para* e *apara* prakriti, o óctuplo inferior e o superior pelo qual “o universo é sustentado”. “A trindade na unidade é uma ideia que todas as nações antigas mantinham em comum”, escreveu HPB em *Isis Sem Véu* (l. 160) e passou a enumerar a mesma.

As Três Proposições Fundamentais de *A Doutrina Secreta* tratam da trindade arquetípica. Do ponto de vista da sempre fluida Onda de Vida da Evolução, *A Doutrina Secreta* (l. 181) mostra

que existe na Natureza um esquema evolutivo triplo... ou melhor, três esquemas separados de evolução, que no nosso sistema estão inextricavelmente entrelaçados e misturados em todos os pontos. Estas são as evoluções Monádica (ou espiritual), intelectual e física. Estes três são os aspectos finitos ou as reflexões sobre o campo da Ilusão Cósmica do ATMA, o sétimo, a REALIDADE ÚNICA.

1. A evolução Monádica está, como o nome indica, preocupada com o crescimento e desenvolvimento em fases ainda mais elevadas de atividade da Mônada em conjunto
2. A Intelectual, representada pelos Manasa-Dhyanis (os Devas Solares, ou os Agnishwatta Pitris) os “doadores de inteligência e consciência” ao homem e:
-
3. A Física, representada pelos Chhayas dos Pitris lunares, em torno dos quais a Natureza concretizou o atual corpo físico. Este corpo serve como veículo para o “crescimento” (para usar uma palavra enganosa) e as transformações através de Manas e – devido ao acúmulo de experiências – do finito no INFINITO, do transitório no Eterno e Absoluto.

Cada um desses três sistemas tem suas próprias leis e é governado e guiado por diferentes conjuntos dos mais elevados Dhyanis ou “Logoi”. Cada um é

representado na constituição do homem, o Microcosmo do grande Macrocosmo; e é a união dessas três correntes nele que faz dele o ser complexo que ele é agora.

Trata-se de uma ampliação do ensinamento de *Isis Sem Véu* que, após afirmar (II. 587) que não existe milagre e que tudo o que acontece é fruto da Lei, eterna, imutável, sempre ativa, passa a estabelecer as ideias básicas da filosofia:

A natureza é trina: existe uma natureza visível e objetiva; uma natureza invisível, residente e energizante, o modelo exato da outra e seu princípio vital; e, acima destas duas, o espírito, fonte de todas as forças, único, eterno e indestrutível. As duas inferiores mudam constantemente; o terço superior não. (II.587-88)

O homem também é trino: ele tem seu corpo objetivo, físico; seu vitalizante corpo astral (ou alma), o homem real; e estes dois são meditados e iluminados pelo terceiro – o soberano, o espírito imortal. Quando o homem real consegue fundir-se com este último, ele se torna uma entidade imortal. (II.588)

A trindade da natureza é a fechadura da magia, a trindade do homem é a chave que se encaixa nela. (II.636)

Um processo trino gera, sustenta e regenera o homem e o homem celestial, átomo e mônada, igualmente. No grande drama do desenvolvimento, um não se transforma no outro, nem um cede lugar ao outro. A Mônada Espiritual que nunca será dividida e seus inúmeros raios chamados mônadas humanas; a incorruptível mônada humana e suas numerosas encarnações na matéria; a mônada material (chamada mônada mineral) e seus incontáveis átomos físicos – portanto, tripla é a visão que devemos examinar (Cf. I. 177-79). Estas três Mônadas não são três, mas as três facetas de uma Única. Mônada espiritual é espírito abstrato; a mônada humana é o espírito corporificado; mônada material é espírito diferenciado. Do lado da matéria, a mônada espiritual pode ser comparada ao nucléolo, a mônada humana ao núcleo e a mônada material à célula. Mas os três aspectos do espírito são de natureza, composição e função tão distintas quanto o nucléolo, o núcleo e a célula. Portanto, Van Helmont disse: “O homem é o espelho do universo, e sua natureza tripla está em relação com todas as coisas”.

Isis Sem Véu também cita Paracelso e diz (I. 212-13): -

“Três espíritos vivem e agem no homem”, ensina Paracelso; “três mundos derramam seus raios sobre ele; mas todos os três apenas como imagem e eco de um mesmo princípio de produção todo-construtor e unificador. O primeiro é o espírito dos elementos (corpo terrestre e força vital em seu estado bruto); o segundo, o espírito das estrelas (corpo sideral ou astral — a alma); o terceiro é o espírito Divino (Augoeides).

O homem é um pequeno mundo – um microcosmo dentro do grande universo. Como um feto, ele está suspenso, por todos os seus *três* espíritos, na matriz do macrocosmos; e enquanto seu corpo terrestre está em constante simpatia com sua terra-mãe, sua alma astral vive em uníssono com a *anima mundi* sideral. Ele está nele, assim como está nele, pois o elemento que permeia o mundo preenche todo o espaço e é o próprio espaço, apenas sem margens e infinito. Quanto ao seu terceiro espírito, o divino, o que é senão um raio infinitesimal, uma das incontáveis radiações procedentes diretamente da Causa Mais Elevada – a Luz Espiritual do Mundo? Esta é a trindade da natureza orgânica e inorgânica -- a espiritual e a física, que são três em uma, e da qual Proclo diz que "A primeira mônada é o Deus Eterno; a segunda, a eternidade; a terceira, o paradigma, ou padrão do universo"; as três constituindo a Tríade Inteligível. Tudo neste universo visível é o fluxo desta Tríade, e uma tríade microcômica em si. E assim elas se movem em procissão majestosa nos campos da eternidade, ao redor do sol espiritual, como no sistema heliocêntrico os corpos celestes se movem ao redor dos sóis visíveis. A Mônada Pitagórica, que vive "na solidão e na escuridão", pode permanecer nesta Terra para sempre invisível, impalpável e não demonstrada pela ciência experimental.

Ainda assim, todo o universo gravitará em torno dela, como aconteceu desde o "início dos tempos", e a cada segundo, o homem e o átomo se aproximam mais daquele momento solene na eternidade, quando a Presença Invisível se tornará clara para sua visão espiritual. Quando cada partícula de matéria, mesmo a mais sublimada, foi eliminada da última forma que constitui o elo final daquela cadeia de dupla evolução que, ao longo de milhões de eras e transformações sucessivas, empurrou a entidade para frente; e quando ela se encontrar revestida daquela essência primordial, idêntica à de seu Criador, então esse átomo orgânico, antes impalpável, terá corrido sua corrida, e os filhos de Deus mais uma vez "gritarão de alegria" com o retorno do peregrino.

Tendo refletido sobre este extrato, a atenção dos alunos é convidada para o seguinte trecho de *A Doutrina Secreta* (l. 246-47): -

A Mônada ou Jiva... é, antes de tudo, reduzida pela lei da Evolução à forma mais inferior da matéria – o mineral. Depois de uma rotação sétupla encerrada na pedra... ela sai dela, digamos, como um líquen. Passando daí, através de todas as formas de matéria vegetal, para o que é chamado de matéria animal, chegou agora ao ponto em que se tornou o germe, por assim dizer, do animal, que se tornará o homem físico. Tudo isso... é sem forma, como a matéria, e sem sentido, como a consciência. Pois a mônada e o Jiva *per se* não podem nem mesmo ser chamados de espírito: é um raio, um sopro do ABSOLUTO, ou melhor, da Absolutividade, e a Homogeneidade Absoluta, não tendo relações com a finitude condicionada e relativa, é inconsciente em nosso plano. Portanto, além do material que será necessário para a sua futura forma humana, a mônada requer (a) um modelo espiritual, ou protótipo, para que esse material se transforme; e

(b) uma consciência inteligente para guiar sua evolução e progresso, nenhum dos quais é possuído pela mônada homogênea, ou pela matéria viva, embora sem sentidos.

Os giros da Mônada ou Jiva formam a primeira das três linhas de evolução; a segunda e a terceira, respectivamente, estão ligadas à Consciência Inteligente e ao modelo em torno do qual o corpo se constrói.

O homem é composto de três homens – o homem de pó, de pensamento, de luz; “ele é corpo, alma e espírito” (*Isis Sem Véu*, II. 223); ele é chhaya, manas-putra e jiva; ele é da terra (prithivi), do fogo (agni) e do éter (akasha); ele é o eu inferior, o divino e o eterno (*A Voz do Silêncio*) de um lado, e as mãos, a cabeça e o coração do corpo do outro.

Diz nosso livro texto: -

Ninguém negará que o ser humano possui várias forças: magnética, simpática, antipática, nervosa, dinâmica, oculta, mecânica, mental - todo tipo de força; e que as forças físicas são todas biológicas em sua essência, visto que elas se misturam e muitas vezes se fundem com aquelas forças que chamamos de intelectuais e morais - sendo a primeira os veículos, por assim dizer, o upadhi, da segunda. Ninguém que não negue a alma no homem hesitaria em dizer que a sua presença e a sua mistura são a própria essência do nosso ser; que elas constituem o Ego no homem, de fato. (I. 460-70)

É necessário que o estudante pergunte: Como é que estas três naturezas básicas diferentes se tornam o que são? De quem progênie são elas? Que destino as espera e a seu pai macrocósmico? À medida que procuramos respostas, somos forçados a perguntar se o homem é a base central de todo o esquema de evolução; além disso, na Natureza que é regida pela Lei, que expressão específica dela deve ser dominada primeiro para se compreender todo o processo? À primeira pergunta é dada uma resposta – a evolução final de tudo na natureza terrestre no Homem é um fato; quanto à segunda, a ascensão e queda da Natureza devido ao Karma ocorrem em ciclos. Uma consideração desses problemas é agora devida e como preparação podemos oferecer o seguinte extrato para fins de meditação (II. 261): -

A doutrina oculta... ensina uma lei cíclica e nunca variável na natureza, esta última não tendo nenhum “projeto especial” pessoal, mas agindo segundo um plano uniforme que prevalece durante todo o período manvantárico e lida com o verme terrestre como lida com o homem. Nem um nem outro procuraram vir a existir, portanto ambos estão sob a mesma lei evolutiva, e ambos têm de progredir de acordo com a lei kármica. Ambos partiram do mesmo centro neutro da Vida e ambos terão que se fundir novamente nele na consumação do ciclo.

